

EXPOSIÇÃO

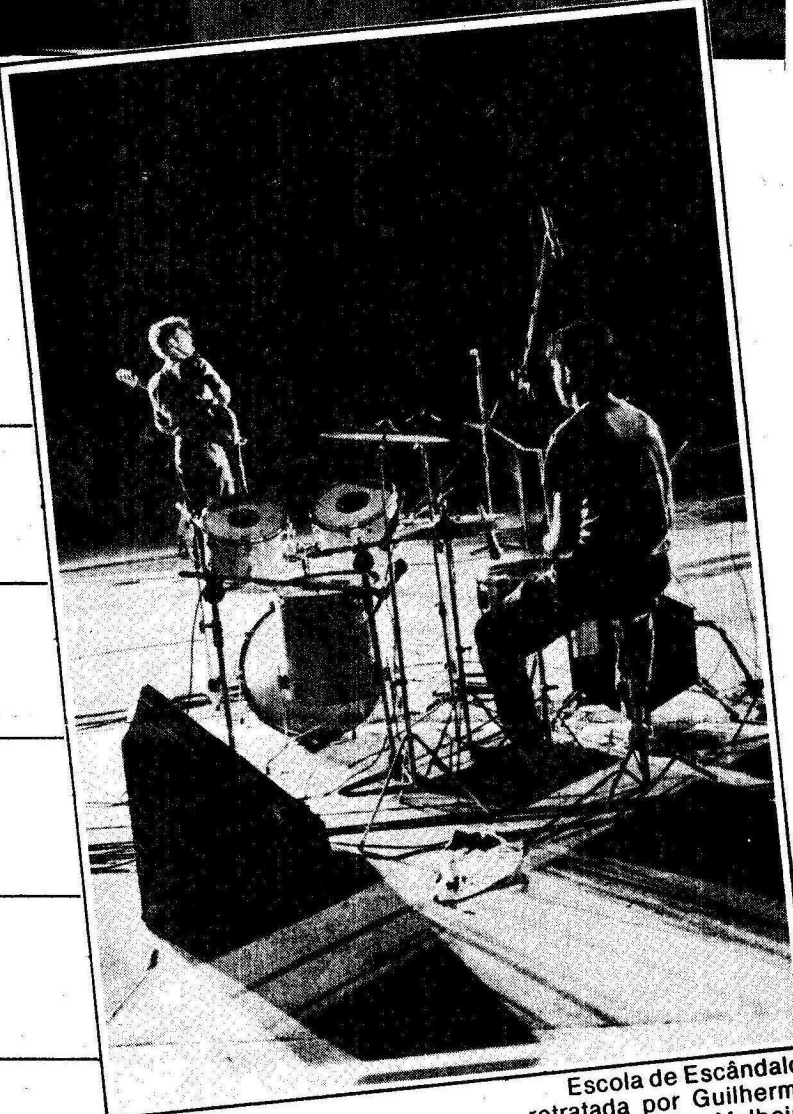
DF - música



Marielle (vocalista do Arte no Escuro), por Ricardo Junqueira

Imagens da Música Pós-80 ou Rock Brasiliensis. É a mostra dos jovens fotógrafos Ricardo Junqueira e Guilherme Malheiro, que tem levado muita gente a galeria Oswaldo Goeldi, da Funarte e que poderá ser visitada até quarta-feira.

Retrato do Rock Brasília



Escola de Escândalo, retratada por Guilherme Malheiro

IRLAM ROCHA LIMA
Da Editoria de Cultura

Sinal dos tempos. A exposição que tem levado mais público à galeria Oswaldo Goeldi, da Funarte, desde sua inauguração, não é a de nenhum monstro sagrado da pintura, do desenho, do cartum ou de qualquer outra ramificação das artes plásticas.

A mostra mais visitada é a de dois fotógrafos semiprofissionais, que escolheram como tema para seu trabalho o rock brasiliense, ou mais especificamente os shows, os grupos, as figuras que movimentam a cena roqueira da Capital Federal.

Ricardo Junqueira, 21 anos, e Guilherme Malheiros, 23 anos, os bem-sucedidos expositores formam na legião de jovens nascidos na cidade, que refletem através de sua arte, as inquietações, o universo de uma geração marcada pelo incolorismo.

Autodidatas, bem informados, esses artistas, à semelhança daqueles que eles fotografam, mostram com seu trabalho que é possível ter uma atuação destacada nesse campo de criação, sem se submeter ao esquema e às influências do que se faz no eixo Rio-São Paulo, embora limitados por um mercado basicamente ocupado pelo foto-jornalismo. O que eles propõem é uma linguagem nova, própria e original.

Na exposição, que fica em cartaz até a próxima quarta-feira, estão registradas imagens do que Ricardo e Guilherme consideram a música pós-80, representada por alguns dos seus mais importantes criadores, como Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Detrito Federal, Arte no Escuro, Obina Shock e Liberdade Condicional.

RETRATO

Fotógrafo há quatro anos, Ricardo Junqueira iniciou-se na profissão a partir do interesse que lhe despertou um livro de fotografia, presente do pai. Até então, diz, eu não tinha nenhuma ligação maior com a fotografia. Apreciava os bons trabalhos, mas não ia além disso. Ai, quando eu tinha 17 anos, meu pai me deu um livro de fotografia. Ao tomar contato com aque-

le universo fiquei fascinado e imediatamente resolvi comprar uma máquina, com meus poucos vencimentos de office-boy da Caixa Econômica. A princípio meu pai não gostou muito da idéia de ver o filho ligado a essa coisa da fotografia, até porque acabava sendo um hobby muito caro, na medida em que ele é que financiava a compra de filme e papel. Agora, porém, como ele sente que é trabalho mesmo, me dá a maior força.

Só de um ano e meio para cá é que Ricardo passou a se dedicar exclusivamente à fotografia, já totalmente apaixonado pela atividade. Deixou o emprego que tinha em um banco e decidiu investir mais seriamente na nova profissão. A partir de então começou a ser visto, com sua Kodak em punho a fotografar todos os shows de rock que aconteciam na cidade. Passou a fazer fotos de shows e vendê-las para os grupos. Essas fotos geralmente são utilizadas pelos jornais, sem o devido crédito, em programas de shows e impressas em camisetas.

Das fotos de Ricardo reproduzidas em camisetas, a mais conhecida é a do Legião Urbana, comercializada pela Company. O crédito, porém, foi dado a um outro fotógrafo, Mauricio Valladares, responsável pela ilustração da capa do primeiro elepê do Legião. Ricardo bem que tentou entrar com uma ação indenizatória, mas diante dos obstáculos que surgiram ele acabou desistindo. Foi conversar com o pessoal da Company e eles alegaram que não havia nenhum carimbo na foto com o meu nome e que, então, julgou ser um trabalho do Mauricio Valladares. Propuseram um acordo, mas depois foram adiando e acabaram recuando, então eu desisti, mesmo sendo prejudicado.

Trabalhando, também, com modelos, que o procuram para fazer os books que são apresentados às agências de publicidade, Ricardo não esconde sua predileção pelo fascinante mundo do rock. Minha ligação com o rock já vem de muito tempo. Conheci o pessoal do Legião, da Plebe e do Capital na época do Blitz 64 e do Aborto Elétrico. Me identificava muito com eles, com a estética pós-punk, que está à frente da moda, que tem

um design muito bonito.

O envolvimento com o rock levou-o a retratá-lo de maneira quase que obsessiva, em especial os seus personagens. É claro que tudo no rock me atrai, me sensibiliza, pelos múltiplos elementos que oferece para apreciação. Mas, no meu ofício, sou levado a retratar o músico, a pessoa, o seu momento no palco ou fora dele, ao contrário do Guilherme, que tem uma visão mais ampla, mais abrangente do cenário, do espetáculo como um todo.

Luis Crispim, da Editora Abril; Miro da Vogue e Flávio Colker, autor da capa do minielepê da Plebe Rude, estão entre os profissionais de fotografia que Ricardo mais admira. Ele gostaria de continuar desenvol-



vendo seu trabalho em Brasília, mas acha isso muito difícil, em função das limitações do mercado. Aqui as coisas ainda estão muito restritas ao foto-jornalismo. Meu projeto atual é fazer um curso em São Paulo, ou, quem sabe, no exterior.

FOTOS DE CENA

Atuando na mesma área (a dos shows de rock) de Ricardo Junqueira, Guilherme Malheiro só veio a conhecê-lo há seis meses atrás, quando a Funarte abriu as inscrições para exposições em sua galeria de arte.

Nosso conhecimento se deu, conta Guilherme, quando fo-

mos apresentar o portfólio. Na hora da seleção dos expositores, o pessoal da Funarte decidiu reunir nossos trabalhos e o resultado, no meu entender e, acredito, também no do Ricardo, foi positivo.

Estudante de Artes Plásticas na Universidade de Brasília, Guilherme chegou à fotografia por influência de um irmão, que trabalhava no Cresca. Logo em seguida já estava fotografando obras de arte no Departamento de Desenho da UnB e fazendo registro de acontecimentos.

A música, o rock entrou em sua vida de fotógrafo em 83, quando foi assistir a um show do Mel da Terra e decidiu registrar o espetáculo com sua Canon. A partir daí não mais parou. Fotografar para ele, mais que uma profissão, é paixão. Quando me sobra um tempo saio por aí, pelas redondezas de Brasília, pelo interior, fotografando, principalmente retratando paisagens. Já num show de rock, busco captar com a lente toda aquela energia que rola, aquelas expressões plásticas mais fortes. Procuro conjugar essa força expressiva do conjunto com o espaço físico, com as luzes.

Sem esconder sua admiração por fotógrafos brasilienses como Luis Humberto e Kim-Ir-Sen e pelos cariocas Miro e Klaus Mayer, Guilherme, fala da satisfação que a exposição Rock Brasiliensis vem lhe dando. Já havia participado de outras exposições na UnB, mas essa, particularmente, está me deixando satisfeito, principalmente em função da qualidade do trabalho que conseguimos mostrar, sem falsa modéstia, e pela repercussão que vem obtendo. Sinceramente não esperava que tanta gente viesse vê-la. A surpresa começou no vernissage. Foram convidadas 100 pessoas e apareceram 150.

Guilherme, a exemplo de Ricardo, pretende levar a Rock Brasiliensis para outros lugares, para outras galerias, aqui no Distrito Federal e em outras cidades. Acredito que seria bastante interessante se, depois de encerrada a mostra aqui na Funarte, pudessemos expor nossos trabalhos num local como um centro comercial, um shopping, dando oportunidade a um número maior de pessoas de conhecê-los.